

PRODUTIVISMO *VERSUS* CRIATIVIDADE: A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE UNIVERSITÁRIO À LUZ DO ÓCIO CRIATIVO

Recebido em: 23/10/2018

Aceito em: 11/06/2019

*Victor Reis Mazzei*¹

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória – ES – Brasil

*Maria Cecília da Silva Camargo*²

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Santa Maria – RS – Brasil

*André da Silva Mello*³

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória – ES – Brasil

RESUMO: Esse ensaio reflete como a sobrecarga de trabalho tem impactado na atuação dos professores de ensino superior. Pressionados por metas e prazos, muitos docentes intensificam sua dinâmica laboral, comprometendo, com isso, suas práticas profissionais e, sobretudo, reduzindo o tempo para suas vidas pessoais, o que tem se desdobrado em prejuízo à saúde dos mesmos. Para o desenvolvimento desse artigo, empreendemos um levantamento bibliográfico baseado em autores que nos permitiram discutir o cenário acadêmico que “celebra” a produtividade e a competição entre os pares. A fim de promover um contraponto, trouxemos ao debate o Ócio Criativo, temática desenvolvida pelo sociólogo Domenico de Masi, cuja proposta teórica reside em uma conciliação entre a satisfação profissional, o aprendizado e a criatividade, na qual o tempo livre é necessário para repensar a prática e abastecer o repertório cultural.

PALAVRAS CHAVE: Trabalho Docente. Produtivismo. Ócio Criativo.

¹ Doutorando em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo; Mestre em História das Relações Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo; Graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor do curso de Publicidade e Propaganda da FAESA Centro Universitário.

² Licenciada em EF pela USP, mestre e doutora pelo PPGCMH/UFRGS. É docente associada e pesquisadora no CEFD/UFSM. Atuou como professora de EF em redes públicas escolares em Florianópolis e Porto Alegre e foi professora do curso de Licenciatura em EF da UNISINOS e UEL. Concluiu estágio pós-doutoral no CEFD/UFES.

³ Possui licenciatura plena em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo; Mestrado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e Doutorado em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Professor do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, nos cursos de licenciatura, bacharelado, mestrado e doutorado.

**PRODUCTIVISM VERSUS CREATIVITY: THE INTENSIFICATION OF
ACADEMIC WORK IN THE LIGHT OF CREATIVE LEISURE**

ABSTRACT: This essay reflects on how the work overload has caused impact on higher education teachers' performance. Pressured by goals and deadlines, many teachers intensify their work dynamics, compromising, thereby, their professional practices and, above all, reducing time for their personal lives, which has unfolded to the detriment of their health. For the developing of this article, we carried out a bibliographic survey based on authors that allowed us to discuss the academic scenario that "celebrates" productivity and competition among pairs. In order to promote a counterpoint, we brought to the debate the Creative Leisure, thematic developed by the sociologist Domenico de Masi, whose theoretical proposal resides in a conciliation between professional satisfaction, learning and creativity, in which free time is necessary to rethink the practice and fuel cultural repertoire.

KEYWORDS: Academic Work. Productivism. Creative Leisure.

Introdução

Há certo tempo, a possibilidade de ascender à condição de professor universitário despertava admiração, em especial, pelo papel social que este desempenhava na formação de futuros profissionais. Atualmente vemos essa idealização se dissolver, segundo relatos dos próprios docentes, dada a precarização das condições de trabalho, diminuição salarial, redução do status social e competição implacável entre os colegas, que, por seu turno, se tornaram marcas do professor do século XXI (SILVA; AMDRADE; ZANELLI, 2010).

Diante das reduzidas possibilidades de progredir na carreira, os professores universitários se sentem instados a se aproximar da lógica do mercado, por meio de editais e parcerias. Essa busca, por seu turno, tem acarretado uma série de prejuízos à saúde, como envelhecimento e adoecimento precoces, além de colaborar para a incidência de síndromes derivadas da pressão para se atingir metas moldadas segundo padrões estabelecidos pelo sistema de livre concorrência. Um dos sintomas mais evidenciados no meio acadêmico é a Síndrome de *Burnout*, que se caracteriza por

estresse de ordem ocupacional e que atinge, sobretudo, profissionais cujas jornadas se refletem em exaustão emocional, baixa motivação e despersonalização do trabalho (CARLOTTO, 2002).

Em contrapartida a esse quadro de redução da qualidade da saúde dos professores em virtude do acúmulo de afazeres, prazos apertados e pressão sobre as práticas docentes, discursamos sobre a tese do Ócio Criativo, desenvolvida pelo sociólogo Domenico de Masi (2000), que prevê uma harmonia entre as esferas do trabalho e do tempo livre. Nesta proposta, as duas perspectivas se fundem: o sujeito faz da sua profissão uma fonte de prazer, criatividade e aprendizado. Nessa relação, coadunam-se possibilidades de sustento financeiro e a satisfação pessoal. Gestor de seu tempo, o trabalhador aplica seus talentos no momento e no local que melhor lhe convier, em ofícios, geralmente, de caráter intelectual.

O que pretendemos nas linhas a seguir, a despeito do cenário de intensificação do trabalho docente e a conseqüente desvalorização como atividade profissional, é revelar possibilidades de práticas para o professor universitário (em especial, o da Educação Física) repensar seu fazer, baseado na sua relevância social como formador de cidadãos reflexivos, críticos e atuantes. Para isso, costuramos um debate com autores como Pereira (2016) e Victor Andrade de Melo, em entrevista ao programa Palavras na Mesa, gravado em 2005 e publicado no Youtube em 2018, que nos mostram como a complexidade da docência exige que o professor esteja atento não somente ao tempo dedicado ao seu trabalho, mas também ao não trabalho, ou seja, como os momentos de lazer impactam na saúde, na qualidade de vida dos professores, na sua formação e nas práticas pedagógicas de cunho inovador.

Competição e Produtivismo

Sguissardi e Silva Junior (2009) nos informam que as políticas de Estado, por intermédio da Agência Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), orientam as diretrizes educacionais das instituições de ensino superiores brasileiras e, por conseguinte, os trabalhos dos professores universitários. Como reflexo dessa política institucional implementada no ensino superior brasileiro tem-se visto uma intensa competição pela conquista dos editais e pelo maior número de artigos publicados. Segundo os autores, isso é fruto da falta de investimentos e da descentralização da gestão em educação pública, que abriu possibilidades para que os interesses privados preencham essas lacunas, impondo, assim, uma nova lógica, que passa a ser traduzida na individualidade e na formação de “guetos” acadêmicos, no qual cada docente (e seu respectivo grupo de pesquisa) usufrui exclusivamente de suas conquistas. Uma modalidade que se corporifica nesse novo ambiente é o da produtividade científica que se espelha nas regras mercadológicas.

Diante do sistema de competitividade que se consolida, produzindo efeitos que reconfiguram a identidade da universidade em geral e das estatais públicas em particular, a bolsa produtividade em seus diferentes níveis, que definem verdadeira escala de prestígio e poder no meio acadêmico-científico, tornou-se objeto de desejo e, portanto de acirrada disputa, apesar de seus valores monetários baixos (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009, p. 183).

Para Sguissardi e Silva Junior (2009, p. 188), esse quadro relega ao segundo plano o papel das instituições de ensino na promoção da criticidade entre os discentes, assim como o de colaborar na formação de cidadãos mais conscientes, uma vez que passa a compreender o universo “[...] de produção da universidade como o de uma empresa na área econômica. Os processos repousam sobre objetivos distintos: o da

empresa é o lucro; o da universidade é a produção e a socialização do conhecimento, a sua própria crítica”.

Essa alteração de finalidade, na qual a formação humana torna-se plano secundário e se vê regida por critérios impostos pela perspectiva mercadológica é salientada, por Silva (2012). De acordo com a autora, a docência possui uma dimensão complexa e delicada, uma vez que a sua ação não é possível de se medir por meios de ferramentas de controle de qualidade. Ao contrário do modelo de produção serial, a formação humana ocorre processualmente e nela não se coloca um ponto final, haja vista que acontece (ou deveria acontecer) de maneira contínua.

Esse espelhamento da atividade docente no ensino superior como reflexo da prática capitalista industrial, segundo Silva (2012) e Sacardo e Silva (2019), tem origem na década de 1970. Nesse referido período teve início o “empresariamento” da educação superior, cujo aprofundamento ocorreu a partir de 1990. Essa configuração permitiu que muitos grupos corporativos e empresariais vislumbassem na constituição dos centros de ensino novas possibilidades de obtenção de lucros.

De acordo com Silva (2012), essa situação resultou na sobrecarga de trabalho em professores que atuam como horistas, na precariedade das condições profissionais e a ausência de estímulos para a capacitação docente. Como consequência, diante desse quadro, notou-se também uma queda na qualidade do ensino oferecido, tendo em vista os parâmetros anteriores ao ingresso do empresariado como protagonistas na oferta de cursos de ensino superior.

O produto requerido pelas políticas neoliberais nessa área é uma educação eficaz para atender a um mercado de trabalho ávido por trabalhadores flexíveis, criativos, polivalentes, como também à formação de empreendedores capazes de encontrar alternativas de sobrevivência ao desemprego estrutural que nutre o atual processo de acumulação capitalista. Conformada nesse contexto está uma crescente expansão do mercado educacional. Como nos demais

setores, também nesse se instalaram oligopólios. Grupos empresariais disputam o preço no mercado, oferecendo “serviços educacionais” de qualidade duvidosa, fruto de um mercado de trabalho fragmentado, “flexibilizado” pelas novas relações de trabalho que têm resultado numa crescente precarização do trabalho docente, sobretudo nos países do capitalismo periférico, como é o caso da América Latina (SILVA, 2012, p. 116).

Vosgerau; Orlando e Meyer (2017, p. 5) destacam que em muitas instituições de ensino superior não há uma preocupação constante com a formação docente, tendo em vista a atualização e capacitação dos professores. Em muitos casos, aparecem apenas como ações “[...] pontuais, teóricas e descontinuadas, sem reflexão sobre a prática e sem conexão com as demandas apontadas pelos docentes.”

Cunha (2010) nos alerta sobre o fato de a docência representar uma atividade complexa que se torna desprestigiada, ao ser enquadrada a partir de modelos fabris, regida por mecanismos de controle de produtividade. Com isso, despreza-se as dimensões singulares que norteiam o trabalho do professor, dentre elas as relações vivas e pulsantes com os alunos, o preparo na formulação de aulas diferenciadas, cujas metodologias precisam ser pensadas antecipadamente com o intuito de favorecer a aprendizagem de um conteúdo, bem como a necessidade de se atualizar pedagogicamente por meio da leitura de novas obras e a participação em eventos e congressos. Isso significa que:

[...] ser professor não é tarefa para neófitos, pois a multiplicidade de saberes e conhecimentos que estão em jogo em sua formação, exigem uma dimensão de totalidade, que se distancia da lógica das especialidades, tão cara a muitas outras profissões, na organização taylorista do mundo do trabalho (CUNHA, 2010, p. 25).

Ou seja, ser professor envolve o trabalho com vidas. Vidas que pulsam, se movimentam, questionam e, eventualmente, entram em contradição. Nesse sentido, a atuação docente lida com experiências de quem se coloca na condição de aluno e de quem, por sua vez, se dedica ao ensino. Contudo, ao se apequenar essas dimensões

singulares do trabalho docente tende-se para uma reprodução por repetição, onde todas as turmas (geralmente compostas por muitos estudantes) são orientadas para serem tratadas da mesma maneira. Nesse cenário, a valorização das subjetividades dá lugar à padronização das práticas. Logo, encontra-se aí um espaço para o acúmulo (e repetição) de tarefas e de prazos apertados para o lançamento de notas em sistemas tecnológicos, por exemplo.

Nessa conjuntura de intensificação e precarização do trabalho torna-se inevitável a renúncia de períodos da vida pessoal e dos seus períodos de lazer, pois é necessário ocupar as brechas de tempo dedicado ao não trabalho a fim de dar conta dos compromissos profissionais. Isso nos leva ao aumento do número de professores que adoecem em virtude do excesso de afazeres acadêmicos (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009). De acordo com os autores, é verificável na prática universitária a “[...] crescente incidência de doenças, em especial de cunho depressivo, e ao consumo bastante frequente de medicamentos ansiolíticos” (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009, p. 237). Um mal que tem sido constatado entre os docentes é a ocorrência da Síndrome do *Burnout*, caracterizada pelo acúmulo de estresse no trabalho, que leva o profissional a um esgotamento nervoso, desmotivação, lapsos de memória e irritação constante. De acordo com Carlotto (2002), eis as razões pelas quais o professor ser acometido pela Síndrome de *Burnout*:

O professor assume muitas funções, possui papéis muitas vezes contraditórios, isto é, a instrução acadêmica e a disciplina da classe. Também tem que lidar com aspectos sociais e emocionais de alunos, e ainda conflitos ocasionados pelas expectativas dos pais, estudantes, administradores e da comunidade. O excesso de tarefas burocráticas tem feito com que professores se sintam desrespeitados, principalmente quando devem executar tarefas desnecessárias e não relacionadas à essência de sua profissão. Ao desempenhar trabalhos de secretaria, diminui sua carga horária para o atendimento ao aluno e para desenvolver-se na profissão. A falta de autonomia e participação nas definições das políticas de ensino tem mostrado ser um significativo

antecedente do *burnout*. Estas questões, somadas à inadequação salarial e à falta de oportunidades de promoções, têm preocupado pesquisadores (CARLOTTO, 2002, p. 25).

Tal desgaste e frustração com a vida acadêmica exercida pelos professores universitários motivou Silva; Andrade e Zanelli (2010) a pesquisar os aspectos que mais frustram os docentes. Entre esses fatores destacam-se: a carência de uma formação teórica sólida, individualismo exacerbado entre os pares e, como mencionado, o estresse com prazos e metas, que, conseqüentemente, deteriora a condição de saúde daqueles que lecionam no ensino superior e nos programas de pós-graduação.

Silva (2012) e Palácios e Lopes (2018) nos informam as políticas educacionais voltadas para o ensino superior, em especial, as que tiveram início em 1994, tiveram como intuito enfraquecer as instituições de ensino públicas, que, por sua vez, passaram a ser geridas seguindo princípios de controle comerciais. Palácios e Lopes (2018, p. 61) comentam que a conjuntura educacional brasileira para o ensino superior, nos últimos 25 anos, têm se caracterizado pela produtividade e orientação neoliberal:

Considerando que a política para a educação superior que vem sendo implementada pelo atual governo segue a mesma matriz teórica do governo anterior, é possível afirmar que a tendência parece ser a de aprofundamento do processo de privatização desse nível de educação pela via da diversificação institucional.

Como resultado desse quadro, aumentou a pressão para se publicar artigos e o número de convites para participar de eventos, congressos, bancas, por exemplo. Esse cenário de exigências, inevitavelmente, afeta a saúde dos professores que passam a se sentir assoberbados, no afã de manterem atualizados e em conformidade com os seus respectivos programas.

Esse contexto é nomeado por Sguissardi e Silva Junior (2009) de “sociabilidade produtiva”, no qual os professores, com o intuito de assegurar certo

prestígio junto aos pares e à própria comunidade acadêmica, acabam acumulando inúmeras tarefas, tendo como fim, muitas vezes, a atualização frequente de seu Currículo Lattes. Este, a partir de um quadro de grande competitividade, age no sentido de fornecer visibilidade às produções docentes. A sociabilidade produtiva, de acordo com Sguissardi e Silva Junior (2009, p. 47), “[...] é a nova forma de ser do professor pesquisador e do cidadão, que, com as formas atualizadas de exploração da mais-valia relativa e absoluta, leva o professor-pesquisador à exaustão por vontade própria”.

Essa preocupação dos professores em serem reconhecidos pelos colegas do meio acadêmico como sendo os mais produtivos (artigos, livros, orientações), não obstante os prejuízos que podem se relacionar à sua saúde, podem ser relacionados aos postulados acerca o poder simbólico, proposto por Bourdieu (2002). Para o referido pensador, a busca pelo poder entre os pares está no “microcosmos” das interações sociais, cujo intuito é buscar a legitimação, valorização e naturalização do próprio grupo em que se está inserido. Agem, assim, com o intuito de obter um “[...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito da mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 2002, p. 14).

De acordo com Sacardo e Silva (2019, p. 267),

[...] a produtividade acadêmica, entendida, anteriormente, como necessária para publicar e divulgar o que é produzido cientificamente, expressando sua contribuição científica não apenas para os avanços das áreas de conhecimentos, mas sobretudo para o âmbito social, transformou-se, então, no famigerado ‘produtivismo acadêmico’.

A situação descrita ganha contornos peculiares no campo da Educação Física. Localizada na área 21, junto com fisioterapia, fonoaudiologia e terapia ocupacional, a Educação Física apresenta um cenário que merece uma reflexão atenta, uma vez que

seus estudos se dividem nas subáreas biodinâmica, sociocultural e pedagógica. Enquanto a primeira é composta basicamente de produções científicas oriundas da biologia e da saúde, as demais se aproximam dos estudos ligados às ciências sociais e temas relacionados às Humanidades. Essa separação evidencia distinções no modo de investigação em cada subárea, uma vez que os métodos de pesquisa tendem a ser diferenciados. Se na biodinâmica, as pesquisas tendem a se concentrar em análises quantitativas de dados, na subárea sociocultural e pedagógica, as investigações se debruçam em aspectos qualitativos, que, devido a essa natureza, acabam exigindo um tempo de reflexão maior do que a da biodinâmica para análise das informações antes de sua submissão tendo em vista a publicação (MARTINS; ALMEIDA; MELLO, 2018, p. 157).

Esse dado aumenta a pressão exercida e o volume de trabalho sobre os professores de pós-graduação de Educação Física que atuam na subárea sociocultural e pedagógica. O elevado critério de avaliação estabelecido pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para manutenção dos docentes nos programas de mestrado e doutorado privilegia os estudos na subárea biodinâmica, que segundo Ferreira; Oliveira e Sampaio (2013), ainda são hegemônicos na Educação Física.

Isto posto, no tópico seguinte, abordaremos o tema Ócio Criativo, que nos oferece um contraponto crítico a essa situação à qual estão expostos os docentes que atuam no ensino superior.

Ócio Criativo

O sociólogo Domenico de Masi foi o grande responsável pela popularização da expressão Ócio Criativo. Segundo De Masi (2000), tempo e espaço são duas dimensões importantes de nossas vidas, entretanto, nos acostumamos (e muitas vezes, almejamos) ter uma agenda completamente preenchida de compromissos. Apesar de toda a tecnologia criada e desenvolvida, a princípio, com a promessa de tornar nossa vida mais ágil, e que resultaria em mais tempo para a família e o lazer, de acordo com De Masi (2000), o que ocorreu foi o oposto: o uso da tecnologia tornou nossos dias mais frenéticos, impondo um ritmo forçosamente repetido e apressado.

Como resposta ao estilo de vida acelerado, surge a proposta do Ócio Criativo, visando o repensar e o refletir acerca das práticas profissionais vigentes. Por meio de ocupações mais criativas, intelectuais e não convencionais, o ser humano poderia dedicar seus talentos e tempo em atividades que o motivem e o desafiem. Assim, o trabalho ganharia uma dimensão lúdica, à medida que se confunde com estímulos para o próprio aprendizado e diversão.

Outro ponto dessa teoria refere-se à desestruturação da noção de tempo e de espaço: para algumas ocupações já não é mais preciso ocupar uma sede fixa, nem mesmo obedecer 8 horas diárias (e protocolares) para o cumprimento das obrigações. Atualmente, já visualizamos profissões que se beneficiam do ócio criativo, principalmente em cidades mais desenvolvidas do ponto de vista cultural e econômico. Nelas, já é comum encontrarmos pessoas que fazem das cafeterias e residências os seus escritórios. Para esse nicho, se escolhe o melhor horário para execução de uma empreitada: alguns preferem à noite, outros, à tarde, de madrugada.

De Masi (2000) também versa acerca dos períodos tidos como livres. Conforme o sociólogo italiano, a flexibilização da escala de trabalho nos concederia oportunidades para praticar ações consideradas não convencionais que contribuam para a ampliação do nosso repertório cultural e emocional, como passear com o cachorro pela manhã, ou ir ao cinema logo após o almoço, por exemplo. Para o autor, não há por que se sentir culpado por agir dessa forma, contanto que os prazos sejam cumpridos e a boa qualidade do trabalho se mantenha. Com isso, se asseguraria, inclusive, o bom estado mental dos sujeitos.

Em linhas gerais, Ócio Criativo, para De Masi (2000), se constitui trabalhar criativamente com aquilo que nos gratifica, no momento que nos convier, sem nos submetermos a horários previamente estabelecidos e ainda podermos usufruir as folgas como quisermos. Entre as profissões que gozam dessa possibilidade estão jornalistas, publicitários, arquitetos, engenheiros, fotógrafos, bem como, professores universitários.

Entre as críticas tecidas à tese do Ócio Criativo, está a ausência de uma orientação sobre o que fazer nos tempos livres. Para Aquino e Martins (2007), o sujeito deveria usufruir desses momentos com o intuito de forma livre e criativa, tendo em vista a sua própria satisfação pessoal e social. “No entanto, neste tempo que poderia ser um tempo voltado para o ócio mais verdadeiro, o consumismo termina por deteriorá-lo, mercantilizá-lo, coisificando-o e empobrecendo-o de significados (AQUINO; MARTINS, 2007, p. 482)”. Logo, para pensar na fruição das possibilidades do Ócio Criativo torna-se necessária uma educação sobre o valor do tempo livre para os sujeitos.

Aproximações e Afastamentos entre Ócio Criativo e a Complexidade Docente

De Masi (2000, p. 199) nos assinala que o ser humano necessita de tempo para “[...] refletir e para ‘bolar’, idear. Mas só quem é capaz de idear, ou seja, inventar e patentear a ideia antes dos outros, adquirirá o direito de receber *royalties*”. Apesar dessa proposta se referir, basicamente, às atividades de ordem comercial na “sociedade pós-industrial” (expressão do autor), presumimos ser possível associá-la à vivência docente, em especial, no que se relaciona a novas práticas pedagógicas que, por meio de metodologias ativas e inovadoras, promovam o protagonismo de alunos mais conscientes e reflexivos.

Vejamos: segundo Cunha (2006, p. 62), em face à necessidade de oportunizar iniciativas de inovação e rupturas no modo de ensinar e aprender, torna-se mister que “[...] sejam reforçadas as reflexões”. Ora, o processo de reflexão dos sujeitos envolve momentos de questionamentos, contemplações e de pensamento crítico. Ousamos insinuar que reflexão também pressupõe tempo disponível para conjecturar e lucubrar.

No entanto, o que temos constatado, a partir de Sguissardi e Silva Junior (2009), Silva; Andrade e Zanelli (2010) e Cunha (2006, 2010) é, exatamente, o oposto, uma vez que os professores se apresentam sobrecarregados devido ao produtivismo acadêmico, o qual faz com que “[...] os tempos do mercado e da produção universitária devem equivaler-se” (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009). Somado ao cansaço físico e mental, e dispendo de um tempo livre reduzido, tende-se a diminuir as possibilidades de se idealizar novas práticas pedagógicas emancipatórias, no sentido de permitir com o que o professor aja diferenciada e criativamente para cada contexto, tendo em vista uma relação que extrapole os limites da sala de aula, colaborando para geração de cultura, conhecimento e valorização das subjetividades (CUNHA, 2006).

Assim, quando o trabalho deixa de ser uma das dimensões da vida para se tornar a única a se levar em consideração, os tempos dedicados ao Ócio Criativo tornam-se reduzidos, comprometendo os aspectos pessoais e profissionais.

O trabalho oferece sobretudo a possibilidade de ganhar dinheiro, prestígio e poder. O tempo livre oferece sobretudo a possibilidade de introspecção, de jogo, de convívio, de amizade, de amor e de aventura. Não se entende por que o prazer ligado ao trabalho deveria acabar com a alegria do tempo livre (DE MASI, 2000, p. 319).

Consideramos valiosa a citação anterior, pois acreditamos ser possível relacioná-la com o ofício do professor acadêmico, cujas aulas são (ou deveriam ser) preparadas com uma antecipação visando contemplar a relação ensino e aprendizagem por meio de práticas e metodologias diferenciadas. No entanto, quando se depara com o acúmulo de afazeres, prazos curtos e metas de produção que seguem preceitos inspirados na lógica neoliberal, o docente pode acabar por priorizar soluções pedagógicas simplificadas e já aplicadas, que não promovam a reflexão e o protagonismo dos estudantes, tampouco sua satisfação como professor que conduziu uma prática diferenciada.

O tempo dedicado ao trabalho, ao ser regido sob o plano da “sociabilidade produtiva” no cenário acadêmico, acaba por relegar para o segundo plano a fruição do lazer, como combustível para uma vida mais plena e com maior desenvolvimento pessoal, intelectual e social (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009). De acordo com Dumazedier citado por Pereira (2016, 58), as funções do lazer devem se relacionar a “[...] algumas necessidades humanas como o repouso, a diversão, a recreação, a distração e o desenvolvimento intelectual. [...] o lazer é uma atividade ou inatividade voluntária, onde o homem se liberta de qualquer grilhão”.

Destacamos outro tópico acerca do Ócio Criativo que, em um primeiro olhar, se compatibiliza com a prática docente. Conforme descreve De Masi (2000, p. 272-273), o trabalho, no século XXI, deveria ser ensinado às mais novas gerações para não ser encarado como:

[...] uma obrigação opressora, mas sobretudo como um prazer criativo estimulante. E a tudo isso se deve somar a necessidade, cada vez mais imprescindível, de ensinar também o *não-trabalho*, ou seja, as atividades ligadas ao tempo livre, aos cuidados e às atenções.

Isso significa, segundo o autor, que ao ocupar o nosso tempo livre (o não-trabalho) com atividades lúdicas ou recreativas, (in) diretamente estaríamos descansando e, simultaneamente, incrementando nosso repertório cultural, ao se permitir vivenciar novas experiências, que podem colaborar, inclusive, na ação docente.

Para cada um de nós, tempo livre significa viagem, cultura, erotismo, estética, repouso, esporte, ginástica, meditação e reflexão. Significa, antes de tudo, nos exercitarmos em descobrir quantas coisas podemos fazer, desde hoje, no nosso tempo disponível sem gastar um tostão. [...] Em suma, dar sentido às coisas de todo o dia, em geral lindas, sempre iguais e sempre diversas, que infelizmente são depreciadas pelo uso cotidiano (DE MASI, 2000, p. 321).

Para Pereira (2016), é importante o professor compreender a relação estabelecida entre o tempo dedicado à docência e os demais momentos da vida. Segundo a autora, o modelo produtivista que impõe um ritmo acelerado aos professores colabora para a perda da subjetividade e da autonomia intelectual, uma vez que não concede aos docentes períodos para refletir sobre suas práticas, tampouco repensar novas aulas e metodologias que valorizem a ação criativa na sala de aula. “[...] o tempo disponível é a salvação contra a indignidade, visto que é o tempo em que o trabalhador é livre para criar, contemplar, estudar, passear, ouvir música etc.” (PEREIRA, 2016, p. 57).

Em pesquisa conduzida por Cunha (2006, p. 42), os coordenadores apontaram o perfil profissional desejado em relação aos professores: são os “[...] que inovam, gostam do que fazem, são entusiasmados com o seu trabalho; são pessoas mais vivas e satisfeitas. São também os que preservam um pensamento crítico, tendo um compromisso social”. Para alcançar esse patamar de criatividade, nos adverte a autora, é preciso tempo de dedicação, estudo, observação e criticidade sobre o próprio fazer.

Diante do grande volume de tarefas relacionadas à docência, por exemplo, como ter de dar aula para muitas turmas, manter-se ativo na produção de artigos, orientar projetos de extensão e participar de inúmeras bancas de conclusão de curso, o professor pode vir a negligenciar parte importante do seu tempo disponível para descanso e lazer. “[...] constata-se que não está clara a delimitação do tempo de trabalho e do tempo de vida do profissional docente. Este trabalha enquanto vive e vive enquanto trabalha” (PEREIRA, 2016, p. 69).

Sguissardi e Silva Junior (2009) mencionam a ocorrência das férias obrigatórias que são “trocadas” pela participação em eventos científicos. O excesso de atividades acadêmicas tem levado a “[...] uma jornada de trabalho de três períodos e de uma semana de seis e, às vezes, sete dias de trabalho” (p. 234). A consequência dessa precarização das condições de trabalho reflete-se no esfacelamento das relações familiares, entre amigos e de vizinhança, bem como a crescente incidência de doenças e ao consumo de medicamentos, sobretudo, no enfrentamento a estados de estresse e depressão.

Victor Andrade de Melo, em entrevista ao programa Palavras na Mesa em 2005⁴, avança na proposição ao dissertar sobre a importância de se problematizar o lazer na vida de cada indivíduo. Ao ser indagado sobre as dimensões relativas à ocupação profissional e o tempo livre, Victor Andrade de Melo⁵ questiona: “Será que você não concede valor excessivo para o trabalho e se esquece dos seus momentos de não-trabalho?”

A seguir, Victor Andrade de Melo⁶ nos aponta que não há razões para se hierarquizar o trabalho ou o lazer nas nossas práticas, e, sim, tentar promover um equilíbrio entre ambas, no qual se torna possível desfrutar de momentos de prazer tanto no tempo livre como no trabalho.

A gente precisa instaurar o princípio do prazer como algo absolutamente humano, que deve ser perseguido em todos os espaços da nossa existência: no trabalho, no não trabalho e em todos os espaços de nossa existência e em todas as instituições sociais [...] Queremos ter uma sociedade onde os homens tenham dignidade no trabalho e dignidade do lazer (Victor Andrade de Melo em entrevista ao Palavras na Mesa)

Nesse sentido, o discurso do professor Melo se alinha ao pensamento de De Masi (2008, p. 81) para quem a “[...] educação para o prazer é fundamental.” Ainda de acordo com este pensador, ao dissertar sobre os desafios da educação na contemporaneidade: “Hoje, a imaginação pode dispor de suportes extraordinários: os livros, os jornais, o cinema, a televisão, a internet” (DE MASI, 2008, p. 82). Ou seja, a atividade docente também pode ser conjugada com o Ócio Criativo, ao contemplar dimensões que prezam pelo aprendizado, lazer e criatividade.

⁴ Essa entrevista foi publicada no Youtube em 2018 e pode ser vista por meio do link <http://www.youtube.com/watch?v=mJa8Xi7raLM>.

⁵ Esse trecho pode ser encontrado no sétimo minuto do vídeo deste link <http://www.youtube.com/watch?v=mJa8Xi7raLM>.

⁶ Esse trecho pode ser encontrado no oitavo minuto do vídeo deste link <http://www.youtube.com/watch?v=mJa8Xi7raLM>.

Isso permite retomarmos novamente no discurso do professor Victor Andrade de Melo ao nos alertar que a formação dos sujeitos na contemporaneidade tende a priorizar profissionais que demonstrem domínio em funções específicas em detrimento à constituição daqueles com conhecimentos múltiplos, interdisciplinares e que explorem várias linguagens comunicativas. De acordo com Melo⁷: “A nossa formação universitária é cada vez menos a formação de um cidadão amplo e cada vez mais a formação de um cara muito especializado numa área muito específica, que permite que ele compreenda pouco as outras oportunidades de diálogo.”

O debate sobre a formação de novos profissionais no ensino superior nos remete ao modelo educacional proposto por De Masi (2008) tendo em vista uma escola que ensina o Ócio Criativo. Para o italiano, a educação deveria se basear no formato que priorize o protagonismo dos estudantes, no qual a prática deve assumir um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem. De Masi (2008) baseia sua proposição nas oficinas da Itália Renascentista, que formaram artistas como Michelangelo e Botticelli, para criticar o modelo de ensino que tende a dar mais relevância a teoria do que a dimensão prática. “O que é academia? É o oposto da oficina. Na oficina, havia somente um mestre; todo o ensinamento era baseado na prática; o aluno assimilava do professor tanto as qualidades como os defeitos” (DE MASI, 2008, p. 90).

Exemplos como os mencionados por De Masi (2000; 2008) parecem passar longe da *práxis* do professor universitário do século XXI, conforme nos indica Silva; Andrade e ZANELLI (2010). Para os autores, o distanciamento de uma proposição

⁷ Esse trecho também pode ser encontrado no oitavo minuto do vídeo deste link <http://www.youtube.com/watch?v=mJa8Xi7raLM>.

como a do Ócio Criativo pode ser expressa nas inúmeras exigências institucionais provocadas pela intensificação do trabalho do docente universitário, cujas consequências apontam para comportamentos individualistas, em detrimento de um espírito de cooperação entre os colegas. Como implicação direta, nota-se o aumento de “[...] diversos problemas de saúde, tais como depressão, distúrbio de humor e de sono, entre outros” (SILVA; Andrade e Zanelli, 2010, p. 146).

Outro fator apontado por De Masi (2000) que impede os professores de transformar a profissão em uma atividade mais prazerosa está na mentalidade do significado do trabalho para eles. “Quando viveram a infância e a juventude, aprenderam que o ócio é o pai dos vícios, que a vida é feita de trabalho, que o trabalho é castigo divino e sofrimento inevitável. Agora, como professores, transmitem essas tolices aos alunos” (DE MASI, 2008, p. 87).

Salientamos que a prática docente é complexa por natureza, pois está embrenhada de questões éticas, saberes cotidianos, e, acima de tudo, envolve relações humanas (CUNHA, 2006). Lucarelli⁸ (2000), citado por Cunha (2006), nos informa que a pedagogia universitária abarca uma concatenação entre conhecimento, identidades, subjetividades e culturas, na qual os professores devem liderar e mediar processos que viabilizem o aprendizado para a formação de uma profissão e que, paralelamente, colabore na constituição de um sujeito crítico, reflexivo e técnico. Ademais, o professor não “nasce” pronto: ele se constrói na (e a partir da) produção e interação com os alunos. Essa relação dialógica é “[...] motivadora para o professor estudar mais e se manter atualizado” (CUNHA, 2005, p. 110).

⁸ LUCARELLI, Elisa. **El asesor pedagógico em la universidad**. De la teoría pedagógica a lá práctica em la formación. Buenos Aires: Piados, 2000.

Desse modo, deve aprender também a exercitar a escuta ativa, a trabalhar com o diferente e a conviver com o contraditório. Ou seja, tal qual o postulado pelo Ócio Criativo, a atividade do docente universitário concilia (ou deveria conciliar) o trabalho, o aprendizado e o jogo. Aprendizado na relação com os conteúdos e com as singularidades apresentadas por alunos e por turmas. O jogo, tendo como base as concepções sugeridas por De Masi (2000 e 2008), alude à atividade renovadamente criativa e intelectualmente viva no cotidiano do trabalho. Desvela-se, assim, uma atmosfera de descobertas e de novidades que a própria sala de aula traz em si, assim como no contato com estudantes que carregam suas subjetividades e valores, e nas tentativas de novas proposições metodológicas que podem significar práticas colaborativas e inovadoras que contribuam para potencializar aspectos ligados à aprendizagem.

Considerações Finais

O docente universitário tem sofrido nas últimas décadas com uma série de situações que impactam na sua atividade. Desprestígio social, ausência de planos de carreira, reajustes salariais abaixo dos índices da inflação e a sobrecarga de trabalho são, dentre outros fatores, causadores de desvalorização profissional. Somado a isso, observa-se a competição exagerada no ambiente acadêmico, que tem se orientado para o produtivismo, seguindo a lógica do mercado capitalista.

Segundo Sacardo e Silva (2019), ao se submeterem aos critérios de avaliação estabelecidos pela CAPES e pelo CNPQ, os professores de graduação e pós-graduação podem estar se distanciando do propósito fundamental da docência que é colaborar na formação de seres críticos, reflexivos, promovendo noções de cidadania e humanidade.

Por sua vez, na busca de notoriedade, visibilidade e da obtenção de “sociabilidade produtiva” (SGUISSARDI; SILVA JUNIOR, 2009), impõe-se que o docente enquadre-se na lógica capitalista, que se manifesta, sobretudo, na busca de uma maior produção de artigos científicos. Para Sacardo e Silva (2019, p. 277), um efeito colateral desse ritmo do aumento do volume na produção é a queda na qualidade nas publicações, uma vez que no intuito de produzir mais “[...] abandona-se o que movimenta a crítica e o debate, bem como o caráter público do que é produzido”.

Para alcançar esse suposto êxito, acentua-se o individualismo nas ações, verifica-se a ausência de cooperação entre os colegas, e nota-se, inclusive, a supressão de estratégias de resistência para combater esse regime que valoriza a produção serial. Não à toa, autores como Sguissardi e Silva Junior (2009) e Silva; Andrade e Zanelli (2010), por meio de suas pesquisas, nos relatam o crescimento dos casos de adoecimento entre os professores.

Como contraponto a esse ambiente de competição e opressão, apresentamos os pressupostos do Ócio Criativo, desenvolvidos pelo sociólogo italiano Domenico de Masi (2000 e 2008). Sua tese centra-se na possibilidade da conciliação do trabalho, aprendizado e do jogo. Esse arranjo sugere que os empregos/ofícios ocupem perspectivas que vão além da remuneração, pois neles se pressupõem que o labor deve colaborar na formação de sujeitos intelectualmente ativos. Conforme De Masi (2000, p. 148), “[...] a plenitude da atividade humana é alcançada somente quando nela coincidem, se acumulam, se exaltam o trabalho, o estudo e o jogo; isto é, quando nós trabalhamos, aprendemos e nos divertimos, tudo ao mesmo tempo”.

Melo, em entrevista ao programa Palavras na Mesa, e Pereira (2016) nos exortam a valorizar o equilíbrio entre o tempo do trabalho e o não-trabalho, como forma

de dotar o professor a também se educar para o lazer. Colaboram, ademais, para lançar luz para que o professor se atente sobre a complexidade do seu fazer e a valorizar os períodos de não-trabalho. Estes tempos tidos como livres lhe permitem transitar por novas práticas pedagógicas, que contribuam para a formação de um profissional mais criativo, reflexivo e atento às questões sociais.

Em síntese, pretendemos, ao dialogar com os princípios do Ócio Criativo, oferecer argumentos e possibilidades ao professor universitário que se enxerga encaixotado e cerceado diante de um quadro em que se estimula a competição desmedida. Desejamos que o debate suscitado por esse artigo colabore para que o docente resgate e compreenda a complexidade de sua atividade, bem como se conscientize de que resistir a esse cenário regido pela lógica da alienação do trabalho, orientado por critérios arbitrariamente quantitativos, é condição fundamental para sua valorização, contribuindo, assim, para o exercício pleno do seu papel imprescindível na formação cidadãos conscientes, atuantes e reflexivos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Cássio Adriano Braz; MARTINS, José Clerton de Oliveira. O Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Revista Mal-estar e subjetividade** Fortaleza, v. 7, n. 2, p. 479-500, set/2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome Burnout e o trabalho docente. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. 2. ed. Araraquara: Junqueira&Marin, 2005.

_____. A universidade: desafios políticos e epistemológicos. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2006. p. 13 - 29.

_____. A docência como ação complexa. In: CUNHA, Maria Isabel da (Org.). **Trajétoérias e lugares de formação da docência universitária**: da perspectiva individual ao espaço institucional. Araraquara: Junqueira&Marin, 2010. p. 19 – 34.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

_____. **Diálogos criativos** / Domenico De Masi & Frei Betto. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

FERREIRA, H. S.; OLIVEIRA, B. N.; SAMPAIO, J. J. C. Análise da percepção dos professores de educação física acerca da interface entre a saúde e a educação física escolar: conceitos e metodologias. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 673-685, jul./set. 2013.

LUCARELLI, Elisa. **El asesor pedagógico em la universidad**. De la teoría pedagógica a lá práctica em la formación. Buenos Aires: Piados, 2000.

MARTINS, Rodrigo Lema Del Rio; ALMEIDA, Felipe Quintão de; MELLO, André da Silva. “UM ESTRANHO NO NINHO”: a pós-graduação stricto sensu no PPGEF/UFES frente às políticas científicas da área 21. **Revista Ciências Humanas - UNITAU**, Taubaté/SP - Brasil, v. 11, n 2, edição 21, p. 156 - 171, Dezembro 2018.

PALACIOS, André Luis, LOPES, Fernando José. A privatização no ensino superior. **Revista de Pós-Graduação Multidisciplinar**, São Paulo, v. 1, n. 4, p. 59-76, mar. 2018/set. 2018. ISSN 2594-4800 | e-ISSN 2594-4797 doi: 10.22287/rpgm.v1i4.771.

PALAVRAS NA MESA. André da Silva Mello. **Youtube**. 27 jun. 2018. 26m47s. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=mJa8Xi7raLM>. Acesso em: 04 jul. de 2018.

PEREIRA, Marcela Semeghini. O direito ao lazer do professor de ensino superior. In: **Revista da Faculdade de Direito – RFD – UERJ**. Rio de Janeiro, n. 30, p. 55-75 dez. 2016.

SACARDO, Michele Silva; SILVA, Régis Henrique dos Reis. Comunicação científica e a educação física: ética, qualidade, produtividade e produtivismo. CARNEIRO, Felipe Ferreira Barros; FERREIRA NETO, Amarílio; SANTOS, Wagner dos (Org.). **A comunicação científica em periódicos**. Curitiba: Appris, 2019, p. 267-280.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JUNIOR, João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais**: pós-graduação e produtivismo acadêmico. São Paulo: Xamã, 2009.

SILVA, Maria Emília Pereira da. **A metamorfose do trabalho docente no ensino superior**: entre o público e o mercantil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SILVA, Rudney da; ANDRADE, Alexandro; ZANELLI, José Carlo. O discurso real e o discurso ideal de professores de Educação Física do ensino superior sobre docência. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 133-154, julho/setembro de 2010.

VOSGERAU, Dilmeire Sant'Anna Ramos; ORLANDO, Evelyn de Almeida; MEYER, Patrícia. Produtivismo acadêmico e suas repercussões no desenvolvimento profissional de professores universitários. **Educ. Soc.** v. 38, n.138, p.231-247, Campinas, jan./mar. 2017.

Endereço dos Autores:

Victor Reis Mazzei
Rua José Teixeira, 165/1203 – Praia do Canto
Vitória – ES – 29.055-310.
Endereço Eletrônico: victor@psicoespaco.com.br

Maria Cecília da Silva Camargo
Rua Alfredo Tonetto, 314
Santa Maria – RS – 97.110-802
Endereço Eletrônico: mceciliacg6@hotmail.com

André da Silva Mello
Rua Joaquim Lírio, 220/602 – Praia do Canto
Vitória – ES – 29.055460
Endereço Eletrônico: andremellovix@gmail.com